

SABERES

Iorubá

INVENTÁRIO PARTICIPATIVO DOS BENS CULTURAIS DE CAMARAGIBE

O que é?

A língua Iorubá é um dos saberes que contempla em larga escala as Casas de Axé do Brasil, sendo o país fora do continente africano que mais fala esta língua, ficando conhecida como Língua-de-Santo ou Gíria-de-Candomblé (COSTA NETO, s.d.). É nos Terreiros onde os cultos, práticas e saberes recriam a memória, a grafia e fonética, permitindo cruzamentos com a língua nativa, celebrada sua música em que cada Orixá tem sua reverência, seus rituais.

Lembramos que o léxico das comunidades religiosas afro-brasileiras é demasiado extenso, podendo haver alteração de uma nação para outra. O alfabeto Iorubá, segundo a linguísta Sachnine (1997) é composto de: A, B, D, E, F, G, GB, H, I, J, K, L, M, N, O, P, R, S, T, U, W, Y, não existindo os grafemas: C, Ç, Q, V, X e Z. Esta é uma língua que apresenta uma diferenciação das tonicidades das vogais e consoantes da língua portuguesa, os sinais também não procedem da mesma forma; muitas palavras são alomorfe, ou seja, mesma grafia, mas com distinção fonética.

História

O Iorubá é uma linguagem própria que fazia parte da vida cotidiana de negros e negras que vieram ao Brasil no período colonial e forçosamente foram retirados de seus países em África, capturados para o trabalho escravo — um momento nebuloso de nossa história. Seu enraizamento está no repasse do saber entre as gerações, com origem nos diversos grupos étnicos, clãs e nações, sendo hoje praticada com maior ênfase entre as comunidades afro religiosas, sendo os Terreiros um lugar privilegiado para conhecer essa língua originária. Em Camaragibe e em toda a Região Metropolitana de Recife, há um número



Terreiro Egbé Òrisá Nagô-Vodun.
Foto: Josivan Rodrigues

expressivo de Terreiros que são os guardiões desta ancestralidade que integra nossa identidade cultural.

Hoje em dia existem vários dicionários sobre Iorubá, cuja grafia pode se dar também como Yorubá. Como essa língua faz parte de uma oralidade ancestral, o seu repasse é feito entre as comunidades negras, caso dos Terreiros e Quilombos, como informa Pai Gilmar Camará, reconhecido Babalaô e Babalorixá do Quilombo dos Camarás, situado no bairro de Vera Cruz, e integrante do Movimento dos Povos Tradicionais da Cidade (MPTC).

Estima-se que os Terreiros de Camaragibe intercalam, em maior ou menor grau, o idioma Iorubá em seus ritos. Identificamos, através da pesquisa “Mapeando o Axé” (2010), que, em Camaragibe, existem 23 Casas de Candomblé, 5 de Jurema, 7 casas de Religião Nagô e 19 de Umbanda (<https://www.mapeandoaxe.org.br/cd/paginas/oprojeto.htm>). Pernambuco tem uma forte ligação com as religiões de matriz africana, desde sua colonização, sendo um grande polo açucareiro, atribuindo mais tarde uma tradição às práticas afro-indígenas religiosas mais comuns, como o Catimbó/Jurema, a Umbanda, o Xangô pernambucano e o “Xangô Umbandizado”, de acordo com

DESCRIÇÃO DE IMAGEM: Foto colorida na horizontal de pessoas em um terreiro. À esquerda e mais à frente, uma mulher negra de tranças perfilada para a direita. Ela veste blusa branca, brincos de búzios e olhos fechados. Ao fundo, fora de foco, duas mulheres negras de turbante e roupas brancas de pé e perfiladas para a esquerda e, por trás delas, dois homens com roupas brancas sentados.

Pessoas Envolvidas

Considerando a realização do idioma Iorubá dentro dos terreiros, as pessoas envolvidas a praticarem a língua vêm atreladas aos mais velhos, repassando para os mais novos, temos as figuras dos Tatalorixás (grau máximo concedido ao líder religioso), Babalorixás (Pais de Santos) e das Ialorixás (Mães de Santos), sendo esses os maiores detentores da língua e da transmissão; as Ekedis (zeladoras dos orixás), figuras femininas de muita importância para a manutenção dos cultos e das atividades no Terreiro, principalmente na condução para os ensinamentos aos iniciantes; os Alabês (o Ogã percussionista mais velho da Casa) é um forte aliado da transmissão do tocar o instrumento, auxiliando no desenvolvimento dos cânticos, entoando as palavras para os demais Ogãs (os mais novos instrumentistas dos Ilus, atabaques e vários outros instrumentos percussivos), e esses para com os Iabôs (Filhos da Casa) que aprendem todos em conjunto, e transmitem seus ensinamentos não deixando a tradição findar. Lembramos que existem pessoas que frequentam os Terreiros sem necessariamente serem iniciadas, mas mantêm um vínculo e algumas comunidades estudantis e acadêmicas, sendo assim, alguns conhecimentos em menor grau, alcançam essas pessoas.

o antropólogo Roberto Mota (1991).

Essas religiões contemplam uma forte tradição africana, transversalizando com as religiões de matriz europeia e indígena. Dessas, ao que se implicam as tradições africanas, as que mais influenciaram nossa cultura linguística foram as dos povos Bantos e as dos Sudaneses. Os Bantos foram os primeiros a aportarem no Brasil, tendo uma “Influência linguística dos falantes do Quimbundo, Quicongo e Umbundo, antigo Reino do Congo, em especial o território onde hoje se localiza o país de Angola, além das demais colônias portuguesas na África” (COSTA NETO, s.d. p. 3), sendo uma língua muito falada nos Candomblés de Angola, idealizado na Bahia e no Omolocô do Rio de Janeiro. Ainda pensando em uma decodificação rápida dos Candomblés do Brasil, eles estão escritos além das nações de Angola e Omolocô, também no Ketu, Jeje, Efon, Ijexá, Batuque, Nagô, Xangô, Mina, entre outras variantes.

Os Sudaneses correspondem ao segundo povo a adentrarem no Brasil, porém, mantendo uma maior influência do dialeto pelo grupo da Nação Ketu. Os Sudaneses são falantes do Iorubá e Ewe, localizados nos países do Oeste Africano, territórios da Nigéria, Benin e Togo. Sabendo de sua importância enquanto dialeto africano mais falado no Brasil, o antropólogo Pierre Verger (1996) nos apresentará um quadro desta língua:

“O termo ‘yorubá’, escreve S. O. Biobaku, ‘aplica-se a um grupo linguístico de vários milhões de indivíduos.’ Ele acrescenta que, ‘além da linguagem comum, os yorubá estão unidos por uma mesma cultura e tradições de sua origem comum, na cidade de Ifé, mas não parece que tenha jamais constituído uma única entidade política e também é duvidoso que, antes do século XIX, eles se chamassem uns aos outros por um mesmo nome’. A. E. Ellis mencionou-o, judiciosamente, no título do seu livro *The yorubá speaking people* (‘Os indivíduos que falam iorubá’)

dando a significação de língua a uma expressão que teve a tendência a ser posteriormente aplicada a um povo, a uma nação ou a um território.” (PIERRE VERGER, 1996. Apud, COSTA NETO, s.d. p. 3).

A língua Iorubá no Brasil pode ser compreendida como uma continuidade da fala tradicional dos povos de África, perfazendo-se em grande diversidade, não podendo ser entendida de maneira simples e fora do contexto cultural com que atravessou ao longo dos séculos. Como bem explica a linguísta Sachnine (1997):

“Não existe uma língua Yorubá (pode-se estimar que exista aproximadamente 25 milhões de falantes do Yorubá), mas um dialeto com pronúncia diferenciada, o grau de incompreensão varia fortemente de uma palavra para outra. Os primeiros estudos sobre a língua, nos meados do século XIX, feitos pelos missionários instalados nos arredores do país Egbá, foram incorretos. Mais tarde, quando se deu conta de sua importância histórica, a fala também de Oyó fora estudada. É a partir de seus primeiros estudos que se desenvolveu um Yorubá básico – gênero de ‘língua franca’ compreendida teoricamente por todo o país – que é ensinada, falada na rádio, na televisão e introduzido na literatura escrita.” (SACHNINE 1997. Apud, COSTA NETO, s.d. p. 3).

Como podemos ver, Sachnine informa que é a partir da capital de Oyó, que começam a reconhecer a diversidade do Iorubá, onde essa etnia deu início à nação Ketu. Existe em Pernambuco, dentre diversos grupos culturais, os de Afoxés, grupos de manifestação artística que se apresentam em cortejos ou em palcos, sempre entoando loas de valorização da ancestralidade e identidade negra, sendo comum a apresentação de danças, indumentárias e músicas com influência Ijexá, além de carregarem consigo as Yalotins e Babalotins - (objetos sagrados, em geral confeccionados em madeira, que representam os Orixás patronos da agremiação.). Dentre os Afoxés, existe o Alafin Oyó, que todos os anos se veste

SABERES

Iorubá

de vermelho e branco para homenagear Xangô (Deus do Fogo e Justiça) há 38 anos. Fazendo menção no seu nome e letras sobre a história das realezas, a começar pelo nome “Alafin Oyó”, que corresponde a uma nomeação aos que sucedem o trono de rei da cidade de Oyó. Na sua música, abaixo, o grupo se refere à capital Iorubá:

Eu vim da África

Eu vim da África, eu sou Nagô
Sou de origem negra, sou filho de Alafin Oyó
Eu vim da África, eu sou Nagô
Sou de origem negra sou filho de Alafin Oyó
Há tempos atrás me trouxeram para o Brasil,
Nas ondas do mar, bateram-me muito no navio.
A dor não passava e também não tinha fim
Mas nunca tive medo porque minha cabeça é de Alafin
Eu vim da África, eu sou Nagô.
Sou de origem negra, sou filho de Alafin Oyó.
(Afoxé Alafin Oyó)

A música afrodiaspórica, dentro ou fora dos terreiros, carrega consigo elementos estruturantes do saber ancestral que são repassados de maneira lúdica e didática, assim como a culinária, seus ritos e sua aprendizagem linguística por meio da oralidade, sendo demasiadamente extenso o léxico afro-religioso brasileiro. Não podemos esquecer também da terceira língua mais falada nas Casas-de-Santo da nação Jeje, que é a Éwé ou Fon, uma variante do povo Kwa do Níger-Congo, falada principalmente no Togo. No Brasil, outra variante dos Éwé ou Fon, é a Mina, utilizada a cerca de um século e meio na cidade de São Luiz do Maranhão no Terreiro Casa das Minas.

Onde está?

O dialeto do Iorubá, está originalmente localizado nos países do oeste africano, territórios como o da Nigéria (onde a língua Iorubá é largamente utilizada, apesar do francês ser o idioma oficial), Sudão, Benin, Togo, parte de Camarões, parte da Costa do

Marfim e Burkina Faso. Fora do continente africano, o Brasil é considerado o país que mais se utiliza da língua Iorubá, principalmente entre os Filhos e Filhas de Santo, praticantes do Candomblé, tornando-os um dos depositários mais fieis dessas tradições. Cuba vem como o segundo país que mais flexiona a língua fora de África. Sua presença no Brasil está datada desde o século XVI, contudo dá-se em grande medida pela vinda do povo Oyó no século XIX. Estando bastante demarcada nos Terreiros de Pernambuco a língua Iorubá, popularmente chamada de Nagô, já fugindo do Iorubá da Nigéria e de Oyó, temos a língua dos Bantos conjuntamente com a portuguesa, influenciando os Candomblés do Brasil.

Pai Gilmar Camará, que é também historiador, nos conta que o dialeto Iorubá toma uma proporção maior em Pernambuco por volta de 1822, pela figura de Aduakambê, um descendente de Bambushé Adinimodo, que é uma figura falante do Iorubá, que chega ao Recife em 1639, fazendo história junto ao Quilombo dos Palmares, disseminando a religião candomblecista do Nagô-Vodum. 200 anos depois, Aduakambê chega ao Recife, constituiu família e se instala pela Rua Imperial no centro do Recife, onde vai se localizar também um dos primeiros Terreiros da capital.

Outro momento marcante se dá em 1912, quando o africano por nome de João Gogô Xará, que era conhecido como João Alagbá, constituiu sua família na Rua do Dendê, localizada no bairro da Mangabeira em Recife. Xará traz a tradição Fon/Fonbé do Candomblé Jeje, uma variante do Iorubá praticada na Nigéria.

Períodos Importantes

Século XVI - A língua Iorubá chega ao Brasil com os diversos povos africanos que foram escravizados para servir ao sistema colonial.

1639 - A chegada do ícone Bambushé Adinimodo, da religião Nagô-Vodum chega

SABERES

Iorubá

no Recife e propaga a religião Fon/Fonbé, variante do Iorubá.

Século XIX – o Iorubá se expande no Brasil com a vinda do povo Oyó.

1822 - Chegada de Aduakambé no Recife, descendente de Bambushé Adinimodo. Funda um Terreiro e propaga ainda mais a língua.

1840 - Chega o sobrinho de Aduakambé, Claudino Bambusè Obtíko,

1844 - Claudino Bambusè Obtíko se estabelece na Rua do Dendê, Magabeira, Recife.

1999 - Instalação do Terreiro Ègbè Òrisá Nagô-Vodun/Terreiro dos Camarás, em Camaragibe. Anteriormente localizado no Córrego da Fortuna, Dois Irmãos, Recife, sendo seu primeiro endereço em Nova Descoberta, Largo de Dona Regina, Mãe de Gilmar Camará.

2000 - Pedido na Câmara dos Deputados para o registro do "Culto de Orunmilá-Ifá" como Patrimônio Cultural do Brasil, nos termos do Decreto nº 3.551, de 2000 que institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem Patrimônio Cultural Brasileiro.

2005 - Reconhecimento do Oráculo, praticado há seis mil anos sob a égide de Orunmilá-Ifá, possuidor da sabedoria suprema, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) como Patrimônio Imaterial da Herança Oral e Cultural da Humanidade.

Significados

Os significados da língua Iorubá, no Brasil, estarão sendo transmitidos, a princípio, pelo tronco familiar onde essa língua é executada, ou seja, em maior grau nos Terreiros de Candomblé ou em seus Quilombos, sejam

eles urbanos ou rurais, que exerçam as práticas do Candomblé. Sendo assim, ela é caracterizada no Brasil como uma Língua de Terreiro, sendo um elemento agregador, transmitida pela oralidade entre seus familiares e irmãos e irmãs de fé cotidianamente ou em momentos religiosos, nas loas, no cantar e dançar, nas saudações aos Orixás, estabelecendo assim códigos aos signos que materializam-se em modos de saber-fazer, nomeando coisas e pessoas. Temos aqui exemplos de palavras em Iorubá que são de uso comum nos Terreiros:

Adé – coroa
Awo – mistério
Bábá mi – meu pai
Búkún – abençoar
Ilé Àse Ògún – Casa da Força de Ogum
Ode – caçador
Olúwo – babalawo
Omo – filho
Ònà – caminho
Onilé – dono da casa
Ori – cabeça
Owó eyo mé rin – quatro búzios
Pàdè – reunir
Yemoja – divindade

A linguagem é plástica e se adapta aos contextos mais diversos, por onde sua estrutura vai sendo recriada e traduzindo os modos de ser e estar no mundo. Assim, destacamos a existência do “Pajubá”, um dialeto que se origina do Ioruba-Nagô e, segundo a literatura corrente, começa a ser falado no período da ditadura militar no Brasil. Em meio a intensa repressão policial ou para despistar o assunto, muitas travestis e transexuais criaram uma forma de comunicação performativa e subversiva que possui espaço importante até hoje entre as pessoas LGBTQIAPN+.

Preservação e Manutenção

Sabendo que a vivência da língua Iorubá se encontra em maior ênfase nas Casas

SABERES

Iorubá

de Terreiros de Candomblé, a sua preservação e manutenção tem se dado através de uma linhagem de parentesco produzida por laços afetivos por irmãs e irmãos que professam a fé e está associada à manutenção do espaço simbólico que constitui os Terreiros e suas atividades, sendo fundamentais também para a continuidade da língua Iorubá.

Quase sempre, essas famílias compartilham práticas litúrgicas afrodiaspóricas, ou no movimento de uma reafricanização, sempre voltadas ao reconhecimento de suas identidades étnicas. Demonstraremos essa conservação e manutenção estabelecidas por dois grandes candomblecistas pernambucanos, o Felipe Sabino da Costa e o João Gogo Xará:

“O Felipe Sabino da Costa, de Água Fria, do Terreiro do Pai Adão, é uma das figuras que normalmente você vai encontrar em qualquer pesquisa! Muito citado e pelo conhecimento da oralidade também que ele estabeleceu, por exemplo, uma regra que não se tomava café, nem se almoçava, nem jantava, falando em português dentro do Sítio. Então, isso deu uma percepção de se continuar ou manter a língua viva. (...) O povo de Aduakambê, de João Gogô Xará, ascendentes de minha família, vão também fazer essa coisa de ninguém se tratar pelo nome daqui, sabe? ‘Do portão para fora, é Gilmar! Para dentro, é Ifá Lóbi Onifade’. Mãe Mirtes é Igayomi Mosebolata. Outro exemplo é o nome Orukó. Ninguém ia falar “fora” o Iorubá, só dentro. Com isso, temos essa “segurada” de manter, não 100%, mas se manter muita coisa da língua Iorubá, porque é interessante se ver que isso é para além dos cânticos. A maioria dos Candomblés no Brasil, apenas tem salvaguardado, e isso é falado por muita gente, a questão de estar guardado apenas no cântico sagrado, nas rezas. Então, a gente tem em Pernambuco, duas famílias que contribuíram para que se mantivesse o Iorubá falado”. (Gilmar Camará)

Expressões orais

As expressões orais são evocadas no dia-a-dia, entre os praticantes do Candomblé e em seus rituais, exercendo a tradição nas palavras

ancestrais. Para tanto, aparecem nas performances dos cantos, das orações, das saudações e das invocações, simbolizando todo o ritual de poder e ação.

Diferente do texto escrito, a palavra é considerada um potencial cognitivo, inscrito nas capacidades humanas, e principalmente difundido entre as comunidades africanas e afrobrasileiras, onde se mantêm através dela as suas identidades culturais, tornando vivas as memórias ancestrais e de suas divindades.

Na Casa de Axé Ègbè Òrisá Nagô-Vodun/ Terreiro dos Camarás, as expressões orais se dão no conceito do Àdùrà, que são as rezas; o Oríki, as invocações; We, que são saudações; e Orin, que são cânticos sagrados. Esses quatro fundamentos orais estão inseridos em todos os rituais da casa. Vejamos algumas frases e palavras de saudações para determinados Orixás:

Èsú (Exu). Saudação: Èsú yè, Laróyè !
[Viva Exu!]

Ògún (Ogum). Saudação: Ògún yè, pàtàki orí Òrisà! [Salve Ògún, Òrisà importante da cabeça!]

Òsóòsi (Oxossi). Saudação: Ode, òkè àró!
[Salve o Oxóssi, o Caçador!]

Sòngó (Xango). Saudação: Ká wòóo, ká biyè sí! [Podemos olhar Vossa Real Majestade!]

Òsún (Oxum). Saudação: Rora Yèyè ó fi dé ri omon! [Mãe Cuidadosa, aquela que usa coroa e olha os seus filhos!]

Yemonja (Iemanjá). Saudação: Èèrú Ìyá !
[Mãe das Espumas das Águas!]

Òòsàlà (Oxalá). Saudação: Èèpàà Bàbá, Òrisà'nlá, Òrisà òkè ninu won gbogbo

SABERES

Iorubá

Òrisà! Èèpàà Bàbá! [Respeito ao Pai, O grande Orixá, mais alto dentre todos os Orixás! Respeito ao pai!]

Transmissão do Saber

Os códigos linguísticos do Iorubá se desenharam no Brasil como uma forma de resistência, garantindo o repasse de informações e a continuidade de práticas e saberes que se desdobram até os dias atuais. O compartilhamento e a transmissão do Iorubá dão sentido à existência, nomeando todas as coisas e permitindo a existência de uma maneira de ser e vivenciar o mundo. Os recursos materiais de uma língua residem no campo do intangível, daquilo que não podemos tocar, mas que podemos sentir, trata-se do sensível, da parte que nos move pelo mundo, repercutindo entre sonoridades e falas a nossa existência e identidade.

A língua passa a resistir nas comunidades negras, periferias e principalmente dentro dos Terreiros de Candomblé. Sua transmissão acontece dos mais velhos para os mais novos, vivenciada no dia-a-dia, em momentos de descontração ao ouvir uma música nativa, ou dentro dos seus processos sagrados, nos quais o dialeto Iorubá é utilizado do começo ao fim. Tais rituais são praticados em sua maioria em Casas de Candomblé, também podendo ser vistos nos ritos da Jurema. Os rituais são realizados em torno de celebrações aos Orixás, Meŕstres, Meŕstras, Caboclos/as, entre outros, a partir de cânticos, saudações, danças, oferendas e rezas em dedicação aos seus preceitos.

Os cânticos estão no campo do sagrado e expressam a herança de significados culturais, litúrgicos e pedagógicos, em suas letras e em sua composição musical, com ilus, atabaques, agogôs, agbês e a partir das saudações, oferendas e rezas, comumente vinculadas aos rituais, pois

fazem parte de um local simbólico, no qual são utilizados materiais para a produção das oferendas, como os Ebós e os Padês. As rezas são, muitas vezes, efetuadas com galhos de plantas, chás e banhos de ervas; as danças vem como uma louvação aos Orixás estabelecendo uma performance de passos e gestos, vestimentas coloridas, adereços, e de objetos característicos de cada nação.

Pai Gilmar Camará buscou decodificar o Iorubá e nos fala como aprendeu e como transmite para seus Filhos de Santo ou comunidades interessadas em conhecer a língua:

“Em 1999 eu tinha muita curiosidade de traduzir os cânticos. Pronunciava, cantava, rezava e não sabia muita coisa porque a cada tempo que foi se passando a gente vai falar de gestões diferentes de lideranças que tinham suas histórias (...). E também em 1999 eu conheci Altair de Oliveira. Ele já partiu [faleceu]. Filho de Ogum, era um baiano que também tinha a mesma problemática que eu, em buscar conhecer e traduzir o idioma. Ele consegue ter um contato com um adido da Nigéria, na época, através da embaixada de Salvador, com isso, consegui fazer um curso e fez uma viagem à Nigéria, ele volta e dentro do composto, ele escreveu algumas cantigas que é da memória de lá, da família dele, ele fez a tradução, começou a estudar, eu tive acesso a esse escrito dele, quando aí comecei a estudar só isso, pegando ali uma coisa e outra, vendo que era convergente que a gente faz. Pensei: meu Deus será que é isso mesmo? Mas aí, não conhecia a questão do alfabeto e todas as questões gramaticais. Entretanto, em 2007, a gente foi para Feira de Santana, eu e o saudoso Luís de Agodô, fizemos um curso no CETRAB [Centro das Tradições Afro-brasileiras] e justamente um nigeriano estava lá como professor, Adimulá T sure, foi onde começamos a pegar esse tato com a gramática (...)” (Gilmar Camará)

Através da realização do curso, Pai Gilmar consegue um maior entendimento gramatical, pois as pronúncias no cotidiano já lhes eram passadas por herança familiar. Pois, os cultos da Nação Nagô-Vodum são todos celebrados em Iorubá. Com sua experiência no curso, ele também passa a ministrar cursos

SABERES

Iorubá

de introdução à língua Iorubá, no Quilombo dos Camarás e para projetos ligados a editais públicos. Em 2017, ministrou o curso “Educa Preto”, onde eram aprendidos os diálogos dos seus antepassados, as variações dialetais sociais, cantigas e rezas religiosas. Ainda em sua comunidade, Gilmar fez o “Fale em Iorubá em Apenas Um Dia” inspirado nas teorias de Paulo Freire, com frases e objetos presentes, estendendo a todos que tinham interesse na comunidade, sem a necessidade de ser Filho de Santo.

Também de 2017 a 2021, promoveu cursos para 30 terreiros e adentrou no campo escolar de Natal/RN, chegando até o Recôncavo Baiano. Nesse projeto, não se limitou apenas ao dialeto religioso, mas para as partes do corpo, utensílios de casa, frases cotidianas, cumprimentos, e a relação numeral. Ele também executou uma introdução ao curso em faculdades do Recife.

Avaliação

Os Terreiros de Candomblé através de sua função social, que considera a preservação das práticas da cultura negra e principalmente da língua Iorubá, mantém viva a preservação do idioma, sendo ela, transmitida dentro dos seus cultos para os Filhos de Santo, assim como, para os frequentadores ou ativiastas do espaço, ou seja não iniciados, e para a comunidade local, a prática do dialeto.

Assim, as Casas de Candomblé entre outras Casas de Axé, se tornaram um dos depositários mais fieis da tradicional linguagem Iorubá, reconectando o Brasil à cultura africana, não deixando extinguir a memória, criando assim um senso de reafricanização e resistência dos mitos, da religião, da língua, da gastronomia, dos modos de fazer e estar no mundo. Percebemos que a “demonização” que

grupos conservadores e religiosos imprimem sobre as Comunidades de Terreiros, reverbera na incompreensão e ignorância dessas pessoas afetando por parte a língua Iorubá. Dessa forma, acarreta uma desvalorização do conhecimento, dificultando o acesso e repasse. As Comunidades de Terreiros, portanto, buscam não somente desmistificar as realizações de seus cultos e a devoção em suas entidades, como promovem espaços para troca de saberes, com palestras, cursos e o envolvimento de práticas sociais nas comunidades e em seus Ilês com momentos abertos ao público.

A respeito do município de Camaragibe, são realizados diálogos junto aos movimentos sociais como o MTPC (Movimento Territorial de Povos da Cidade), que agrega todos os Terreiros de Camaragibe; e o MNU (Movimento Negro Unificado) de Camaragibe, que se propõe a fortalecer a identidade e a cultura negra. O babalorixá Gilmar Camará oferece cursos abertos ao público sobre a língua Iorubá em seu Terreiro, em Faculdades do Recife e em outros estados.

Esse diálogo dos movimentos sociais e Ilês materializa-se em um ato político-pedagógico realizado anualmente no município que agrega os Terreiros locais para o fortalecimento da cultura de Terreiros – a “Caminhada de Oxum”, cujo registro enquanto patrimônio imaterial do estado já deferido pelo Conselho Estadual de Preservação do Patrimônio Cultural, estando encubida a FUNDARPE pela pesquisa necessária para relatoria e chancela final do Bem.

Essas práticas são exemplos do fortalecimento de tradições, assim como promovem um diálogo sobre os mecanismos de combate às formas de racismo religioso ou mesmo estruturais.

Recomendações

- Realizar pesquisa pormenorizada sobre a relação do Iorubá com as práticas sociais do Povo de Terreiro em Camaragibe;

- Requerer junto ao município o estabelecimento de política pública para reconhecimento dos bens culturais da cidade, dando protagonismo as práticas culturais que foram vilipendiadas ao longo dos anos;

- Mapear as comunidades afro indígenas de maneira sistemática para que as políticas públicas possam alcançar de maneira mais eficiente estas pessoas;

- Instituir programa para difusão do Iorubá na rede de ensino do município, fortalecendo as identidades e combatendo o racismo religioso; e

- Ampliar a participação social do Povo de Terreiro nos órgãos de representação, para a efetiva representatividade da população negra, periférica e candomblecista.

Os Terreiros de Candomblé através de sua função social, que considera a preservação das práticas da cultura negra e principalmente da língua Iorubá, mantém viva a preservação do idioma, sendo ela, transmitida dentro dos seus cultos para os Filhos de Santo, assim como, para os frequentadores ou ativistas do espaço, ou seja não iniciados, e para a comunidade local, a prática do dialeto.

Assim, as Casas de Candomblé entre outras Casas de Axé, se tornaram um dos depositários mais fieis da tradicional linguagem Iorubá, reconectando o Brasil à cultura africana, não deixando extinguir a memória, criando assim um senso de reafirmação e resistência dos mitos, da religião, da língua, da gastronomia, dos modos de fazer e estar no mundo. Percebemos que a “demonização” que grupos conservadores e religiosos imprimem sobre as Comunidades de Terreiros, reverbera na incompreensão e ignorância dessas pessoas afetando por parte a língua Iorubá. Dessa forma, acarreta uma desvalorização do conhecimento, dificultando o acesso e repasse. As Comunidades de Terreiros, portanto, buscam não somente desmistificar as realizações de seus cultos e a devoção em suas entidades, como promovem espaços para troca de saberes, com palestras, cursos e o envolvimento de práticas sociais nas comunidades e em seus Ilês com momentos abertos ao público.

A respeito do município de Camaragibe, são realizados diálogos junto aos movimentos sociais como o MTPC (Movimento Territorial de Povos da Cidade), que agrega todos os Terreiros de

Fontes Consultadas

BASTIDE, Roger. As religiões Africanas no Brasil. 1960.

BENISTE, José. Dicionário Português-Yorubá. 2021.

COSTA NETO, Antonio Gomes da. Candomblés de Brasília: contribuição aos estudos dos rituais afro-brasileiros em Brasília. Artigo disponível em: <http://www.palmares.gov.br>, acesso em 02-6-2024. [s.d].

COSTA NETO, Antonio Gomes da. A Linguagem no Candomblé: um estudo lingüístico sobre as comunidades religiosas afro-brasileiras.

GAMA, Luciana Barros. Laroyê! Exu: Os caminhos que levam ao mercado de Consumo religioso afro-brasileiro no Recife – PE. Tese (doutorado) - UFPE, CFCH. Programa de Pós-graduação em Antropologia, Recife, 2016.

MARTINS, Leda Maria. Afrografias da Memória: o Reinado do Rosário no Jatobá / Leda Maria Martins. – 2 ed. – São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte [MG]: 2021.

OLIVEIRA, Altair B. de. CANTANDO PARA OS ORIXÁS. 2ª Edição Rio de Janeiro, 1997.

Plano Estadual de Educação de 2015-2025.

POLI, IVAN, 1972 - Antropologia dos orixás: a civilização iorubá a partir de seus mitos, seus orikis e sua diáspora. I Ivan Poli.- [2. ed.]. -Rio de Janeiro: Pallas. 2019.

RIBEIRO, René. Religião e Relações Raciais. 1956.

SOUZA, Fernanda Meira de. Afirmção da identidade religiosa e constituição do sujeito político das mulheres de terreiro de Pernambuco. Dissertação (mestrado) - UFPE, CFCH. Programa de Pós-graduação em Antropologia, Recife, 2014.

SABERES **Iorubá**

Expediente

PATRIMÔNIO CAMARAGIBE

IDEALIZAÇÃO

Cássio Raniere
Josivan Rodrigues

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Ticiano Sá

COORDENAÇÃO DA PESQUISA

Cássio Raniere

PESQUISA FOTOGRÁFICA

Josivan Rodrigues

ASSISTENTES DE PESQUISA

George Messias
Neilton Félix

PRODUÇÃO DE TEXTOS

Cássio Raniere
Josivan Rodrigues
George Messias
Neilton Félix

DESIGN GRÁFICO E WEBSITE

Josivan Rodrigues

ASSESSORIA DE IMPRENSA E MÍDIAS SOCIAIS

Dupla Comunicação

ACESSIBILIDADE COMUNICACIONAL

Jaks Interpretações
Manuel Borges (audiodescritor)

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Anderson Santos
André Cardoso
Dona Marilene
Edmar Fernandes
Elaine de Oxum
Mãe Janaina Camará
Mãe Lúcia
Mãe Mirts Camará
Mãe Shirlayne Camará
Mãe Tita
Márcio Souza
Marcone da Laia Alàgbé
Mestra Fátima
Mestre Aureliano (in memoriam)
Mestre Zê Negão
Moabia dos Anjos
Pai Gilmar Camará
Pai kenyt Camará
Pai Ném (in memoriam)
Rosinalva da Silva
Severino Ramos
Tony Leal

PARCEIROS

Fundação de Cultura de Camaragibe
Secretaria de Educação de Camaragibe
Secretaria de Cultura, Turismo e Esportes
de Glória de Goitá
Museu do Mamulengo de Glória de Goitá
Associação dos Mamulengueiros e Artesãos
de Glória de Goitá
Museu Comunitário de Poço Comprido
Associação dos Filhos e Amigos de Vicência
Secretaria de Educação, Cultura e Esportes
de Vicência

INVENTÁRIO PARTICIPATIVO DOS BENS CULTURAIS DE CAMARAGIBE

Sobre a pesquisa

Este material, integrante da segunda fase da pesquisa do Inventário Participativo dos Bens Culturais de Camaragibe, foi desenvolvido no âmbito do projeto Patrimônio Camaragibe (nº 10858-152872), realizado com o incentivo do Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura – Funcultura, Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco – FUNDARPE, Secretaria de Cultura do Governo de Pernambuco.

Os resultados da pesquisa estão disponíveis gratuitamente no website do projeto, acessando o endereço ou o Código QR abaixo.

www.patrimoniocamaragibe.com

